POR QUE FALAR SOBRE GÊNERO NA PSICANÁLISE E NA CONTEMPORANEIDADE AINDA?

WHY TALK ABOUT GENDER IN PSYCHOANALYSIS AND CONTEMPORARY STILL?

Merlin Paiva de Magalhães[1]

Resumo: o gênero para a psicanálise tem base no binarismo homem-mulher, masculino-feminino, em situar a diferença sexual, a identidade sexual, a passividade e atividade, tendo a inscrição fálica como um marco significativo para a constituição do sujeito sexuado. Lacan (1953) propõe renunciar a psicanálise ao analista que não alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época, o que ele quis dizer com isso? Para tanto, pensar a horizontalidade e a subjetividade são cruciais para considerar o gênero na psicanálise e inserido na contemporaneidade.
Palavras-chave: psicanálise; gênero; contemporaneidade.

Abstract: gender for the psychoanalysis is based on the man-woman, masculine-feminine binarism, in situating sexual difference, sexual identity, passivity and activity, having the phallic inscription as a significant milestone for the constitution of the sexed subject. Lacan (1953) proposes to renounce psychoanalysis to the analyst who does not reach in their horizon the subjectivity of their time, what did he mean by that? Therefore, thinking about horizontality and subjectivity are crucial to consider gender in psychoanalysis and inserted in contemporaneity.
Keywords: psychoanalysis; genre; contemporaneity.

1 INTRODUÇÃO

É preciso contextualizar a teoria analítica em torno das sexuações, da diferença sexual, a significação do falo, por fim, quais são as principais contribuições acerca do ensino de Jacques Lacan com base na sua releitura e reelaboração de Sigmund Freud, para poder problematizar com a base que temos se aprofundando no que pode ser concebido como gênero na psicanálise. Contudo, ressalto a difícil missão de transmitir tais conceituações e formulações, visto que a psicanálise é um campo de saber com uma linguagem pouco acessível.

Durante o ensino de Lacan (1972-73), ele cria as fórmulas da sexuação, tendo como base uma perspectiva de como mulher e homem são, a partir da inscrição fálica. Com a inscrição fálica podemos pensar a partir de Freud que propõe evidenciar a fase fálica como

[1] Psicanalista transmasculino, Psicólogo (UTP), Mestrando em Educação (UERJ- bolsista CAPES), especialização em Psicanálise e Relações de gênero: ética, clínica e política (IPPERG), Produtor do Podcast Travessias e membro do Preparatório transviades.

um divisor de águas para que o sujeito ingresse no complexo de Édipo, ou seja, é o momento em que a criança começa a diferenciar o olhar para o falo, de modo a constituir uma marca significante em torno do sujeito como um ser sexuado a partir de uma construção social, cultura e psíquica. A significação do falo, teorizada por Lacan (1958) é problematizada desde sua época, tendo o seu sentido se popularizado equivocadamente como pênis. Falo, na teoria lacaniana, é utilizado para compreender a castração, a diferença sexual e as fórmulas da sexuação que introduz a inscrição fálica, separando homem como todo inscrito na função fálica, e mulher que se inscreve de forma incompleta, por isso não-toda. É um significante de falta e, por consequência, de desejo, se deslocando para um símbolo de poder.

O falo é uma moeda de troca para a economia libidinal do desejo. A economia libidinal pode ser pensada através do constructo de Lacan em torno do mais-de-gozar, atrelada ao conceito de mais-valia de Marx, no qual nos permite situar o limite diante do gozo, podendo gozar ou gastar, mas sem ultrapassar o limite, sem zerar sua economia. O discurso analítico visa o sentido que possui limite, dado através do sentido que vivemos, isso faz surgir a ideia de que o sentido é aparência. O discurso analítico implica no sentido sexual, o que justifica para existir um limite. O homem é inscrito na função fálica, assim como tem acesso ao gozo fálico, porém essa função encontra um x, sendo um limite.

No Seminário 20, Lacan (1972-73) fala sobre a diferença sexual, a diferença colocando como homem e mulher, masculino-feminino ou ativo-passivo, indo, além disso, em direção a significação dos efeitos discursivos, através de semblantes. Através disso, ele fala mais sobre como homem e mulher se relacionam, de que a relação sexual não existe, de que dois não fazem um, o que há é um desencontro. Homem só pode ser homem através de um significante — o falo — enquanto mulher ocupa seu lugar na relação sexual na qualidade de mulher, castrada e não-toda, faltante, por consequência disso, a mulher não existe, não tendo um significante próprio a não ser a falta. Com isso, a relação sexual não existe, pois cada um se relaciona com a sua fantasia, com aquilo que idealiza no outro.

Enfim, é a partir do complexo edipiano que Freud tenta definir homem e mulher, não investigando o que é um homem além de ser inscrito na função fálica, e deixando a mulher como lugar de enigma. Logo, a diferença sexual se baseia em situar a instituição do falo como significante, representando a falta na castração, ou seja, ser o falo seria referido à mulher, enquanto ter o falo, ao homem. O papel do Édipo corresponde à maturação da sexualidade, formando uma realidade de maneira com que o sujeito se relaciona sexualmente, com seu corpo, com as diferenças, com suas escolhas. Em destaque, não podemos deixar de lado a função paterna, que Lacan situa em seu texto como a imago do pai e seu papel. A imago pode-se entender como uma figura ou imagem, logo isso remete à uma imagem simbolizada, dentro de uma rede de significantes de um construto e características masculinas tidas como imago do pai.

Algo que tem uma determinação social é a família paternalista, onde o pai concentra a função de repressão e a de sublimação, impondo como manifestação da sua força de autoridade. Contudo, é através da inscrição do nome-do-pai no inconsciente da mãe que se constitui uma estruturação do sujeito enquanto criança, adotando para si a imago paterna, como revela Lacan em Nomes-do-pai (LACAN, 2005). Dentro de uma sociedade patriarcal, há uma imposição sobre o homem, para que ele seja um homem, que seja respeitado, que provém à família, que responda a demanda da família. Entretanto, o que marca realmente um sujeito, estruturando com base em suas referências, é como o pai o trata, de forma a ser recebido afeto mesmo vindo de uma autoridade.

O gozo feminino é tido como lugar à problemática da castração, sendo interdito, quando se exclui o gozo primário pela função fálica dá lugar para a esperança de um gozo outro, mais completo e corporal atribuído às mulheres — que gozam com o corpo-todo. Na mitologia grega, é possível perceber o impacto do gozo entre a diferença anatômica. O mito de Tirésias revela como é ser homem e mulher e se torna conhecido por sua experiência sexual ampliada, até que determinado dia é convocado por Zeus e Hera para expor suas experiências, respondendo quem gozava mais — o homem ou a mulher. Tirésias afirma: "havendo a possibilidade de dividir o prazer sexual em dez partes, nove décimos de gozo iriam para a mulher e apenas um décimo para o homem" (CECHINEL, 2005).

O amor cortês renasce da história de forma enigmática, quando dois não fazem um, nunca volta a ser um de novo. Surge a psicanálise através do objetivo do ser falante que insiste em falar da perda. Isso não tem a ver com a relação homem-mulher, porém tudo o que está em torno da relação sexual resulta em fantasia. Coloca-se em questão como é que os neuróticos fazem amor, o que Lacan não deixa de relacionar com as perversões. Lacan afirma que "a neurose é mais o sonho do que a perversão." Características essas perversas que não se encontram no neurótico. Perversos esses que se colocam num saber-fazer, sobre a natureza das coisas, algo ligado à conduta sexual, sua amoralidade, com alma, a almoralidade. Pode-se pensar na moralidade da conduta sexual como lei, ou como Freud preferia, um supereu. O que Lacan quer dizer com a moralidade de Sade, é dizer tudo. O que diz de Kant com Sade, uma moralidade. Portanto, tudo o que transgrida a norma, reprodutora, heterossexual, é tido como perverso.

Isso tudo se refere ao amor impossível, e a relação sexual se distancia do não-senso, não diminuindo o interesse pelo Outro. Grande Outro com O maiúsculo advêm do conceito lacaniano de um significante simbólico, representado e atravessado pela linguagem e por consequência, pelo inconsciente. Nisso, numa linha não tão tênue, insiste em saber do gozo feminino, estando não-todo ocupado com o homem, restando saber o que é do seu saber. O inconsciente ensina que, no Outro isso sabe, justamente por isso se baseia nesses significantes em que o sujeito se constitui (LACAN, 1972-73, p. 118). A análise entre aqui em meio a essa confusão para dizer que o que se refere ao ser falante, se resume na realidade,

que é assim, uma fantasia.

O inconsciente possui um termo um tanto ambíguo, suposto que no ser falante, existe algum lugar que sabe mais do que ele, apesar de não ser apreciado pela sociedade, um Outro. A psicanálise como discurso da ciência não se considera um ser da cosmologia, entretanto é preciso que o sujeito sonhe, a fim de buscar algo com que tente se desfazer, num emaranhado nas suas gavetas profundas, o que na realidade, o que existe é uma alma, que ama alguém que a quer amá-la. A forma que o homem lida com o saber com que ele alma, é isso que a mulher pode amar nele, a alma que ama, ou seria o amor que alma? A partir de que há algo no gozo, não se sabe o que cabe à mulher falar, se pode dizer o que sabe dele (LACAN, 1972-73, p.119).

"Quanto mais o homem se possa prestar, para a mulher, à confusão com Deus, quer dizer, aquilo de que ela goza, menos ele odeia e menos ele é - e uma vez que, depois de tudo, não há amor sem ódio, menos ele ama" (LACAN, 1972-73, p. 120). Daquilo que se ama, ama-se o amor de ser amado, projetando narcisicamente um pouco de si mesmo, se identifica com aquilo que se apaixona em si.

Portanto, o sexo em si não é da ordem do discurso, e sim do real, que não dá conta de significá-lo. Os modos de gozo e a posição sexuada é o que se tenta instaurar enquanto teoria da sexuação. Lacan (1970-71) elabora acerca do semblante para pensar o discurso, sendo o semblante lugar do agente que ordena o discurso, estando sempre em movimento. O semblante poderia então contemplar uma representação, uma performance, que se articula com a teoria de Butler (2002), de como o gênero é considerado performático, não sendo da ordem do ser ou ter e sim do fazer.

2 A PSICANÁLISE ESTÁ EM CRISE

Butler (2002) constata a problemática da norma fálica da teoria lacaniana em contraste com a diferença sexual, em ter ou ser o falo, critica a concepção do registro do simbólico como fixação binária, a matriz heterossexual, a lógica fálica. Preciado (2019) também ressalta a norma fálica e heterossexual como base na teoria psicanalítica, a patologização da homossexualidade e da transidentidade abordando a foraclusão como saída correspondente a psicose, a problemática do complexo edipiano, a inveja do pênis, o patriarcado, a colonização, desconstruindo esses paradigmas como uma proposta para a reformulação da teoria e práxis psicanalítica. Já em Michel Foucault (1988), temos um contraste de ambos os autores citados, visto que foram leitores baseados na própria teoria foucaultiana.

Contudo, a psicanálise que se encontra em crise e em mutação, fazendo com que Psicanalistas contemporâneos questionem e critiquem a própria teoria e práxis, tornando possível um marco para o avanço desse saber, despatologizando a homossexualidade,

transexualidade, binariedade, intersexualidade, e considerando a subjetividade e singularidade de cada sujeito que se constitui como um, num traço único, não inscrito na norma fálica, heterossexual e binária. Lacan já nos atenta a fim de considerar a subjetividade de nossa época, o que nisso se obtém um contraste diante de uma teoria que avança pensando na constituição de um sujeito dentro da perspectiva queer.

Para isso convoco autores que provocam, intimidam a base da teoria psicanalítica normativa, a fim de propor um avanço, como um marco histórico, se tornando ela também mutante, não-toda e castrada. Com isso, a interseccionalidade, os feminismos e a psicanálise articuladas colaboram para uma escuta singular dos aspectos das identidades sociais, que esbarra no pensamento decolonial, de onde se origina a normatização.

> O gênero é performativo porque é efeito de um regime que regula as diferenças de gênero (...) Performatividade é reiterar ou repetir as normas mediante as quais nos constituímos: não se trata de uma fabricação radical de um sujeito sexuado genericamente. É uma repetição obrigatória de normas anteriores que constituem o sujeito, normas que não se pode descartar por vontade própria (BUTLER, 2002, p. 64).

Regulação sugere institucionalizar as pessoas como normais, sendo um equívoco, visto que o gênero se regula de forma empírica, construído cultural e socialmente, enquanto que as regulações, governadas pelas normas superam essas instâncias de maneira corporificadas. “Não é a sujeição o processo pelo qual a regulação produz gênero?" (BUTLER, 2014, p. 3). O poder da regulação delimita e constitui esse sujeito, o que condiz com as pesquisas de Foucault, em que tornar-se sujeito acontece através dessa regulação acerca do assujeitado. O gênero é mais uma forma de operação reguladora de poder, pensando no controle dos corpos como o biopoder. Podemos pensar que o gênero já é regulador antes mesmo de uma criança nascer, por exemplo, pois ao saber o genital do bebê a família organiza um chá de revelação, no qual delimita inclusive uma cor direcionado à um gênero. Ainda afirma: “uma norma não é o mesmo que uma regra, e não é o mesmo que uma lei" (BUTLER, 2014, p. 3).

A normalização opera através de práticas sociais que se denominam um padrão comum. Gênero não define quem é, e muito menos alguém o tem. O gênero produz uma normalização acerca do binarismo que se manifesta de forma biopsicossocial, performando o gênero que assume. Concluir que gênero significa ser masculino ou feminino exclui o ponto crítico dessa produção binária, uma vez que as performances de gênero não se encaixam nessa normatização. O gênero se move além do que já foi naturalizado, podendo ser desconstruído e desnaturalizado. Gênero é uma norma reguladora, no qual emerge através da sexualização na desigualdade entre homens e mulheres, com isso, o primeiro movimento se constitui em separar sexo e sexualidade de gênero.

É através da subordinação heterossexual que se cria corpos generificados, constatando uma cisheteronormatividade, e podendo existir apenas mulheres femininas e homens masculinos. As transgressões ao gênero incluem a correção cirúrgica de pessoas intersexuais, a patologização em torno dos conflitos de gênero de pessoas trans através da sociedade, o assédio, a violência, o fetiche e o desrespeito ao nome social. Regulação é construir regularidades, e Foucault complementa como modo de disciplina e vigilância como forma moderna de poder, tendo controle de algo.

3 GÊNERO E AS RELAÇÕES DE PODER

Para Scott (1995), gênero pode ser compreendido para significar as relações sociais entre os sexos, rejeitando fatores biológicos, como por exemplo, as mulheres têm filhos e os homens força físicas. Através disso, o gênero se torna uma construção social, como uma identidade subjetiva, sendo uma categoria social imposta a um corpo sexuado. “O gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 23). A linguagem é um dos saberes centrais da teoria lacaniana, no qual a criança acessa através do simbólico permeada pelo Outro primordial, na relação mãe-bebê com um investimento libidinal, sendo um ser cerceado pelo desejo. Através disso, o sujeito vai construir sua identidade de gênero, sua sexualidade, em torno da descoberta de como se identifica e se posiciona, como goza e deseja, sendo um sujeito de desejo e desejante.

Dessa forma, o falo deve ser compreendido como metáfora, e é a partir do complexo edipiano em que a criança interage na cultura, visto que a ameaça de castração representa o poder, as regras da lei do pai. A relação da criança com a lei depende da diferença sexual, da sua identificação imaginária (ou fantasmática) com a masculinidade ou feminilidade. "O simbólico é o reino da lei que regula o desejo no Complexo de Édipo” (EVANS, 1996). Regulação toma sentido aqui na teoria de Lacan como a castração, tendo a regulação simbolizada como uma lei. O simbólico é diferente da noção de cultura em estudos contemporâneos. Assim, a lei simbólica é diferente da lei social e isso não se sustenta. A proibição do incesto representa uma regulação, simbolizada como lei, o que Freud trata em Totem e Tabu. Diante disso, há uma regulação da sexualidade que reprime o sujeito a fim de criar um trauma e recalcá-lo para se constituir um sujeito.

Butler aponta um pós-estruturalismo queer da psique visando o pós-estruturalismo na teoria lacaniana. O universal na cultura são regras simbólicas ou de linguagem que dão suporte nas relações de parentesco. A posição simbólica é confundida com uma posição socialmente constituída. “O simbólico é precisamente aquilo que limita toda e qualquer tentativa utópica de reconfigurar e reatualizar as relações de parentesco distanciado da cena edípica” (BUTLER, 2014, p. 258), sobre as relações entre social e simbólico no parentesco conferir Michel Tort, *Le nom Du père incertain*. Ao pensar na teoria lacaniana, em

que uma posição simbólica não é o mesmo que uma posição social situa-se a posição simbólica do pai sendo um equívoco, pois é paradigmático, o que se confunde com a posição socialmente constituída e mutável de acordo com Butler.

Pode-se compreender o simbólico como aquele que regula o sexo, onde sexo se refere as posições diferenciadas, masculinas e femininas. Com isso, conceitua-se o gênero através do discurso sociológico, sendo alheio ao discurso da diferença sexual da teoria lacaniana e pós. Lacan se utiliza do simbólico para estruturar o inconsciente como uma linguagem, e com isso designa homem e mulher como significantes, contribuindo a posteriori para pensar no binarismo como semblantes. Gênero opera de formas a garantir as relações sexuais reprodutivas e proibir outras formas, estruturando-se uma norma. Isso torna a determinar o gênero de alguém, no qual o sujeito é socialmente regulado e produzido (BUTLER, 2014, p.13). Gênero é uma forma de poder social que produz sujeitos, no qual se institui pelo binarismo.

Para Foucault (1988), a norma era tida como regulação social, diferente das opera-ções da lei. Uma norma pertence à arte de julgar, mesmo relacionado ao poder, sendo caracterizada não pela violência, mas numa lógica em que faz o poder refletir sobre as estratégias e objetos, assim o poder sendo tomado em sua mão, cria a biopolítica, uma vez que a biopolítica se origina através do direito de morte e poder sobre a vida, que gira em torno do controle e poder sobre os corpos, por isso bio e política, Foucault (1988) escreve pela primeira vez sobre na História da Sexualidade, volume 1 (vontade de saber). Corpos esses que estão à margem da sociedade, subalternizados, como pessoas negras, LGBTQIAPN+, periféricas, com deficiência, em vulnerabilidade social.

A repressão aconteceu a partir de um paralelo entre o poder, saber e a sexualidade, cabendo ao gênero ser um determinismo fadado ao controle dos corpos, o que Foucault conceitua de biopoder. Representando o que é ser homem, o que é ser mulher numa sociedade, determinando qual o papel de cada um em torno do que perpetua na cultura. A sexualidade acontece através de uma regulação, marcando uma proibição e ao mesmo tempo um controle, como as salas pornográficas nas locadoras, por exemplo, proibindo menores de idade a entrarem e tornando uma sessão exclusiva de homens heterossexuais. O pecado é relacionado com o sexo, sendo o sexo um símbolo de puritanismo, sendo o pecado um complemento do próprio puritanismo, ou seja, aquilo que não é normatizado é discriminado como errado, como praticar sexo sem o objetivo de reprodução, e fora do casamento. Foucault problematiza a sexualidade humana com relação ao corpo, pois ela não é herdada da carne, e muito menos como pensava Freud, um impulso biológico, ou um destino anatômico (LAQUER,1992).

A invenção da heterossexualidade condiz com a concepção da sexualidade, sendo produzida dentro de uma norma, algo que é tido como natural, um instinto, como se um homem nascesse para se relacionar com uma mulher e vice-versa. Entretanto, a sexualidade

não diz apenas de relação, diz de corpo, como que cada um se relaciona com seu próprio corpo, se percebendo. Pensar no corpo enquanto sexual, parte do seu sexo, condiz com a vontade de saber, saber de si, do seu prazer, é o que produz o poder-saber-prazer, tendo assim poder sobre o corpo e a produção da verdade do sexo. Em alguns países foi adotado a arte erótica, que pode ser entendida como uma produção da verdade do sexo, sendo extraída do próprio prazer.

4 PRECIADO E A POLÍTICA DO INCONSCIENTE

> O gênero não é simplesmente performativo (...) o gênero é, antes de tudo, prostético, ou seja, não se dá senão na materialidade dos corpos. É puramente construído e ao mesmo tempo inteiramente orgânico. Foge das falsas dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. O gênero se parece com o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia resultar em uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais (PRECIADO, 2014, p. 29).

Para Preciado (2014), o gênero é uma tecnologia que produz corpos sexuados, programados para continuar reproduzindo a espécie humana e por consequência disso, a cisheternormatividade. Na Jornada da Causa Freudiana, em 2019, Paul Preciado foi convidado para discursar. Logo no início da sua fala, ele faz uma provocação à plateia em tom de crítica ao sugerir que a maioria dos psicanalistas atuais não tem a experiência, ou a coragem, de ser fora da norma social cishétero. Nessa provocativa, ele faz a analogia de Franz Kafka, que remete um macaco chamado Pedro Vermelho, capturado pelo circo Hagenbeck e transportado à Europa para se converter em um homem, visto que, os macacos não tinham opção, ou morriam em uma jaula, ou viviam à jaula da subjetividade humana. Com isso, o filósofo fala de sua jaula enquanto homem trans, considerado dentro da academia Psicanalítica como metamorfose impossível, estando inclusive, além da neurose, na borda da psicose, sendo incapaz de resolver de forma correta o complexo de Édipo, cedendo à inveja do pênis.

> Não sou um homem. Não sou uma mulher. Não sou heterossexual. Não sou homossexual. Tampouco sou bissexual. Sou um dissidente do sistema sexo-gênero. Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês (PRECIADO, 2020).

Enquanto corpo trans e não-binário, nem a Medicina, o Direito, a Psicanálise, a

Psiquiatria reconhecem tal direito de produzir discurso de um conhecimento acerca dele mesmo. Assim como Pedro Vermelho, Preciado aprendeu a língua do patriarcado colonial, e fala como um macaco mutante, no qual um dia já foi uma mulher em psicanálise, preso numa jaula apertada. Através disso, ele propõe três formulações acerca do corpo de gênero mutante e colonial. Ao pensar na diferença sexual, que a psicanálise trabalha, não é uma natureza e muito menos ordem simbólica, e sim uma epistemologia política do corpo, portanto histórica e mutável. Cuja epistemologia está em crise desde 1940, tornando impossível a atribuição sexual binária. A diferença sexual está em constante mutação, dando abertura a uma nova epistemologia para as próximas décadas.

O que indica essa mutação são os movimentos sociais transfeministas, da teoria queer, da denúncia da violência hétero-patriarcal, da não-monogamia, da identificação de gênero, entre outros. Contudo, a problemática da Psicanálise são os Psicanalistas que utilizam da neutralidade sendo cúmplice dessa normativa sexual, patriarcal, colonial, heternormativa, que considera a homossexualidade um desvio e um complexo edipiano invertido. Considerar Freud e Lacan como lei é um absurdo.

> Vocês não podem seguir falando do complexo de Édipo ou do Nome-do-Pai em uma sociedade onde as mulheres são objeto de feminicídios, onde as vítimas da violência patriarcal se expressam por denunciar a seus pais, maridos, chefes, namorados; onde as mulheres denunciam a política institucionalizada de violação; ou onde milhões de corpos descem às ruas para denunciar agressões homofóbicas, e as mortes, quase cotidianas, de mulheres trans, assim como as formas institucionalizadas de racismo (PRECIADO, 2019, p.10).

É preciso politizar o inconsciente, colocando o divã na praça, coletivizando a palavra. Portanto, é necessário começar uma despatriarcalização, desheterossexualização e decolonização da Psicanálise, descrevendo-a como mutável e castrada. Contudo, por que ainda temos que falar sobre gênero na psicanálise e na contemporaneidade?

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, é impossível ignorar as discussões de gênero, pensando nos atravessamentos acerca de marcadores sociais, seja na pesquisa, na clínica e na transmissão da psicanálise. Entretanto, há um risco em reinventar a psicanálise, por isso não podemos viver apenas de novidade, pois existe uma teoria escrita e reescrita, de Freud à Lacan, de acordo com Patrícia Porchat no livro Relações de gênero e escutas clínicas (STONA, 2021). Pensar que um psicanalista que se coloca como imparcial frente a uma norma patriarcal, centrada e elitista, pode ser cúmplice do capitalismo, do colonialismo, do machismo, da branquitude, do binarismo e da normatividade, neutralizando seu posicionamento (STONA, 2021).

O que Preciado propõe não é uma destruição da Psicanálise, assim como Butler e Foucault quando problematizam o campo analítico, mas sim uma desconstrução como conceitua Derrida, uma reelaboração, ou como aprendemos com Freud, é preciso recordar para não repetir, para então reelaborar. Pensando numa reelaboração, existem analistas que iniciaram o movimento de repensar a base psicanalítica.

Penso no que podemos aproveitar no ensino de Lacan. Então ele acentua que "o ser sexual só se autoriza por si só e por alguns outros'' (LACAN, 1974, p. 187). Isso faz parte da constituição do sujeito, uma construção de si mesmo, que acontece psiquicamente, socialmente e culturalmente. Em seguida ele propõe que "deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época'' (LACAN, 1953, p. 321). Para isso, deve-se considerar o contexto contemporâneo e a cultura, em que vivemos numa constante mutação, transformação e desconstrução. Contudo, deve-se considerar a subjetividade como algo singular de cada um, o que Lacan propõe sobre a identificação.

A identidade é pensada a partir de um nome próprio, direito de cada sujeito, com base no que Lacan (1961-62) se refere no Seminário 9 - A Identificação, dando importância à letra, tornando-se anos depois como litoral entre o real e o simbólico. O prenome inclusive é uma forma de individualizar o sujeito dentro do âmbito familiar, diferenciando do nome-do-pai. Com isso, Lacan trabalhou o traço unário, no qual a escrita deixa de ser figurativa e torna a representar um significante, no que se encontra sozinho, o Um. É essa a diferença introduzida no real, feita um a um, um único traço. Portanto, a primeira coisa a se fazer para assegurar o ser de sua existência é fazer com que ele exista, dando um nome. O ser se cria, e é isso que Lacan propõe no seu ensino, uma teoria criacionista, se diferenciando de Freud como uma teoria evolutiva. Aliás, é Alfredo Eidelsztein (2020) quem propõe desambiguar o freudolacanismo, outra problemática no campo analítico, tirando Jacques Alan Miller de cena.

A maneira com que a sexualidade atravessa cada um e como na contemporaneidade isso está numa constante mutação, a considerar como plural, sendo as sexualidades, os gêneros, e formas de se relacionar, e ter um corpo também é político. Assim como nos racializar enquanto brancos, conscientizar de tais privilégios que perpassam por essa cultura, racista e hegemônica, dentro dos consultórios, dentro dos encontros das escolas de psicanálise, de muitos feminismos que por vezes é excludente.

Isso tudo remete ao lugar de fala, como ao falar sobre as transidentidades a partir do seu lugar enquanto cisgênero, enquanto um analista cis. Falar de racismo a partir da branquitude. Como é ser cis, como é ser branco, como é ser hetero, como é ser elitista dentro do fazer analítico de uma cultura contemporânea? Como Rita Segato (2006) questiona que analista nós somos. Logo, somos também mutantes? Pois estamos sempre em transformação. Inclusive, a palavra queer, significa atravessar para a etimologia, o que

podemos pensar se somos todos queer como traz Patrícia Porchat (2020) no livro Gênero, sendo sempre atravessados pelo real? Algo que não comporta ter uma resposta. Portanto, por que falar sobre gênero na psicanálise e na contemporaneidade? É a partir da linguagem que é possível furar o discurso da base epistemológica cisheteronormativa do campo analítico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYOUCH, Thamy. **Psicanálise e hibridez**: gênero, colonialidade e subjetivações. Curitiba: Calligraphie, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, J. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, *[S. l.]*, n. 42, p. 249–274, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645122. Acesso em: 16 jun. 2022.

CECHINEL, André. Tiresias in "The Waste Land". **Mafuá**, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 3, 2005.

EVANS, Dylan. **An Introductory Dictionary of Lacanian Psychoanalysis**. London, Routledge, 1996.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: A vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 238-324, 1953.

LACAN, Jacques. A significação do falo. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 692-703, 1958.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 9 - A identificação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1961-62.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 18 - De um discurso que não fosse semblante**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1970-71.

LACAN, Jacques. **O Seminário - Livro 20 - Mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1972-73.

LACAN, Jacques. **Os complexos familiares na formação do indivíduo**: ensaio de análise de uma função em psicologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LACAN, Jacques. **Nomes-do-Pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o Sexo**: Corpo e gênero dos gregos à Freud. Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2001.

LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do Gênero. *In*: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista**: conceitos fundamentais. Bazar do Tempo: Rio de Janeiro, p. 121-154,

1994.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto Contrassexual**: Práticas subversivas da identidade sexual. São Paulo: n-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Um apartamento em Urano**: Crônicas da travessia. Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2020.

PRECIADO, Paul B. Um apartamento em Urano. (Conferência). Tradução C. Q. Kushiner & P. S. Souza Jr. **Lacuna: uma revista de psicanálise**, São Paulo, n. 8, p. 12, 2019. Disponível em: https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-12/. Acesso em: 16 jun. 2022.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, *[S. l.]*, v. 20, n. 2, 2017. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721. Acesso em: 16 jun. 2022.

SEGATTO, Rita. **Édipo brasileiro**: a dupla negação de gênero e raça. Série Antropologia, 400, Brasília, 2006.

STONA, José; CARRION, Fernanda. **O Cis no Divã**. Editora Devires, Salvador-BA, 2021.

TEPERMAN, Daniela; GARRAFA, Thais; IACONELLI, Vera (Organizadoras). **Gênero**. Coleção: Parentalidade & Psicanálise. Autêntica: Belo Horizonte, MG, 2020.

TORT, Michel. **Le nom du père incertain**: la question de la transmission du nom et la psychanalyse. Work carried out at the request of the Service of Coordination of Research, Ministry of Justice, Paris, 1983.

Recebido em 10/05/2022
Aceito em 14/07/2022

A Revista COR LGBTQIA+ informa que o artigo originalmente publicado sob o nome de registro de nascimento foi retratado em 24/02/2025, uma vez que o autor passou por uma transição de gênero e agora utiliza outro nome. Em respeito à identidade da autoria e à política editorial da revista, que valoriza a diversidade e o respeito às identidades de gênero, retratações como esta são realizadas sempre que solicitadas.